

# INQUÉRITO de CONJUNTURA

## 1º Trimestre de 2020

- 67% das empresas aumentaram ou mantiveram as vendas face ao trimestre anterior e 33% diminuíram
- A percentagem das empresas que considerou “bom” ou “razoável” o respetivo “nível de atividade” foi de 62,2%
- 48,4% das empresas diminuíram as vendas face ao primeiro trimestre do ano anterior
- Os preços de venda apresentaram uma clara tendência de subida
- uma ligeira maioria de empresas prevê uma redução das vendas no 2º trimestre de 2020

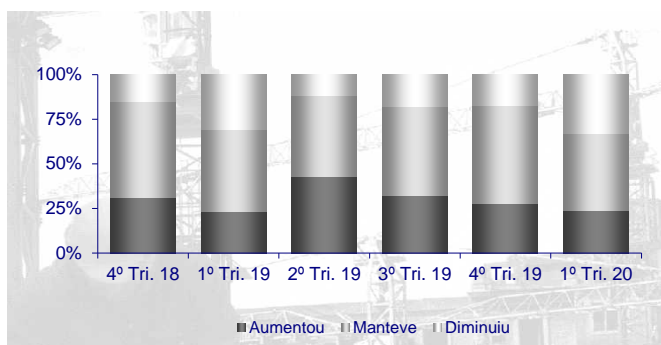
### APRECIÇÃO GLOBAL

O primeiro trimestre registou uma interrupção no ciclo de crescimento da atividade, contrariando as expectativas das empresas expressas no período anterior.

É verdade que o sector já vinha de dois trimestres consecutivos de redução de intensidade de crescimento, mas nada fazia adivinhar a quebra ocorrida, a qual tem como explicação, dada pelos próprios empresários, o confinamento imposto pela situação da pandemia provocada pelo COVID-19.

Em consequência, a evolução dos negócios ficou muito aquém das expectativas, com o saldo das respostas extremas (SRE) relativo à variação das vendas no 1º trimestre de 2020 face ao 4º trimestre de 2019 a cair para números negativos, na ordem dos -9,1% (que compara com +10,8% no trimestre anterior).

### VENDAS

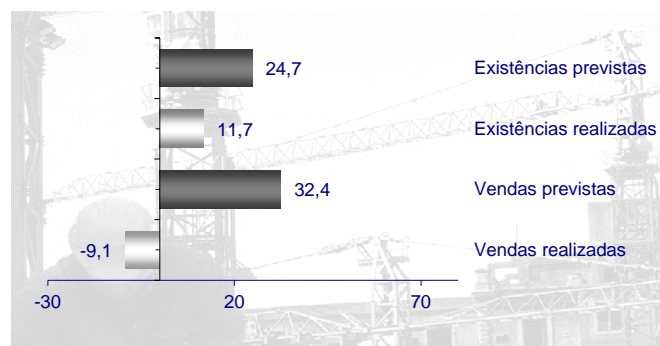


A percentagem das empresas que afirmou o aumento das vendas face ao período anterior reduziu-se ligeiramente de 27,9% para 23,9%, mas a percentagem das

que referiram a sua diminuição aumentou significativamente de 17,1% para 33%.

Esta evolução nas vendas refletiu-se, também, na apreciação relativa ao “nível de atividade”, verificando-se que a percentagem total dos inquiridos que classificaram a atividade como *Boa* ou *Satisfatória*, passou dos 91,7% para 62,2%, com o item *Deficiente* a subir para os 37,8%. O segmento armazenista voltou a apresentar um resultado mais negativo, registando um SRE de -19,2%, enquanto o subsector retalhista ficou pelos -15,8%.

### VENDAS E STOCKS - 1º TRIMESTRE 2020 (SRE - saldo das respostas extremas)



No domínio dos **stocks**, registou-se uma percentagem maior de empresas que referiram o seu aumento (22,3%), do que as que afirmaram a redução (9,6%), mas este comportamento até ficou aquém das expectativas, talvez porque a situação de pandemia, que afetou os fornecedores estrangeiros logo a partir de início de fevereiro, levou a que muitas empresas não fizessem encomendas, ou, noutros casos, não tenham visto as suas encomendas satisfeitas.

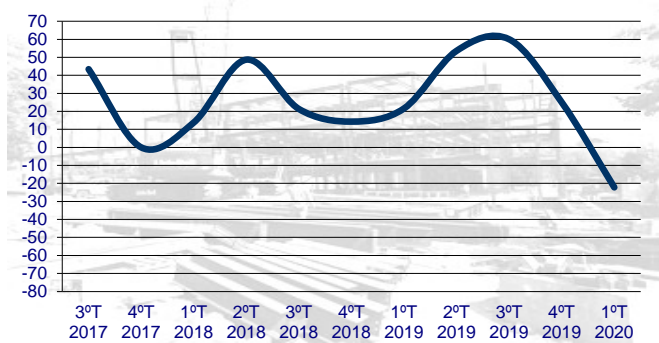
### 1º TRIMESTRE DE 2020

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 9,1	- 18,9	- 2,6
Existências	+ 11,7	+ 20,2	+ 6,1
Preços	+ 29,3	+ 18,6	+ 34,3
Atividade	- 17,8	- 19,2	- 15,8
Vendas homólogas	- 22,2	- 26,9	- 15,8

Os dados relativos ao indicador vendas homólogas confirmam a quebra sentida com as consequências do confinamento.

Efetivamente, o conjunto do setor apresentou um saldo negativo expressivo nas respostas extremas (-22,2%). Em particular, no segmento armazenista, registou-se um SRE de -26,9%, com 50% das empresas inquiridas a registarem uma *Diminuição* das vendas face ao 1º trimestre do ano anterior. No segmento retalhista, o SRE foi menos negativo e quedou-se pelos -15,8%.

**VOLUME DE VENDAS COMPARADO COM O MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR (SRE – saldo das respostas extremas)**



Relativamente aos preços de venda, a evolução do conjunto do setor foi no sentido do aumento, reforçando a tendência já observada nos trimestres anteriores (SRE +29,3%, que compara com +10,8% no 4º trimestre de 2019).

O crescimento dos preços de venda é perfeitamente normal num contexto de crescimento dos negócios, mas neste caso poderá atribuir-se, também, quer ao efeito das tradicionais atualizações de tabelas dos fabricantes no início do ano, quer a algumas dificuldades do abastecimento motivadas pela pandemia que, por limitarem a oferta, reduziram a pressão sobre os “descontos”.

Assim, embora a maioria das empresas tenha informado a manutenção dos preços de venda (56,9%), o sub-setor retalhista apresentou um SRE de +34,3%, enquanto o sub-setor armazenista registou um SRE de +18,6%.

As respostas no sentido do aumento dos preços de venda foram generalizadas, em particular nos seguintes grupos de produtos: “Pavimentos, (alcatifas, vinílicos, borrachas, etc.)”, “Revestimentos (papéis, telas, aglomerados, cortiça, etc.)” e “Materiais Básicos (cimento, cal, gesso, areia, pedra e brita)”. As exceções registaram-se nos “Isolamentos Térmicos e Acústicos”, “Madeiras e Derivados”, “Ferro Redondo para Betão Armado e em Perfis para Estruturas e Outros” e “Por-

tas Metálicas, Automáticas e Automatismos para Portas”.

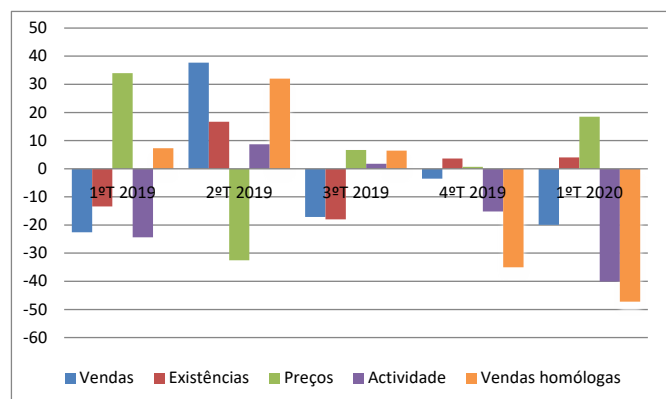
**1º TRIMESTRE DE 2020 (variação dos valores do SRE - saldo das respostas extremas - face ao trimestre anterior)**

Indicadores	Variação do saldo das respostas extremas em pontos percentuais		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 19,9	- 31,4	- 12,1
Existências	+ 4,0	+ 9,4	0
Preços	+ 18,5	+ 6,5	+ 24,2
Atividade	- 40,1	- 35,0	- 35,2
Vendas homólogas	- 47,2	- 53,7	- 27,6

(sinal “-” indica pioria ou diminuição; sinal “+” indica melhoria ou aumento)

A evolução trimestral dos diversos indicadores do setor apresentou um comportamento globalmente menos favorável, com exceção da variação trimestral dos preços de venda, revelando uma eventual redução da atividade. Tradicionalmente, o primeiro trimestre do ano é o período de menor atividade do setor e, este ano, tivemos as perturbações provocadas pela pandemia que ocorreram logo no início de março, o que terá tido efeitos negativos na atividade de muitas empresas.

**VARIAÇÃO DOS VALORES DOS SALDOS DAS RESPOSTAS EXTREMAS FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR**

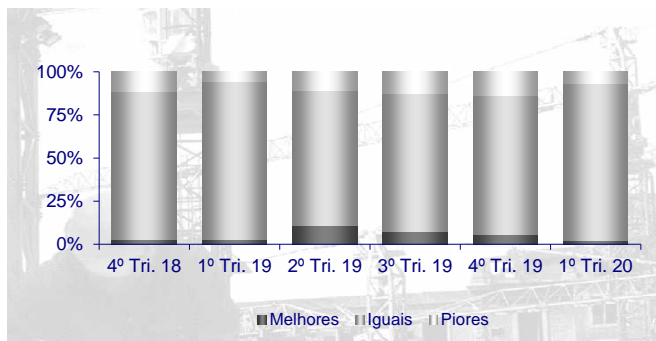


Ao mesmo tempo, a estabilidade nas condições de crédito dos fornecedores foi a norma neste 1º trimestre, verificando-se uma variação negativa com carácter marginal (SRE -4,5%).

Mais relevante foi, contudo, a alteração do padrão de comportamento entre os dois subsectores considerados, tendo, desta vez, as empresas armazenistas registado uma subida da percentagem de respostas que apontaram a pioria das condições dos seus fornecedores (7,7%), enquanto a percentagem das que referiram a melhoria foi nula. Nas empresas retalhistas sucedeu

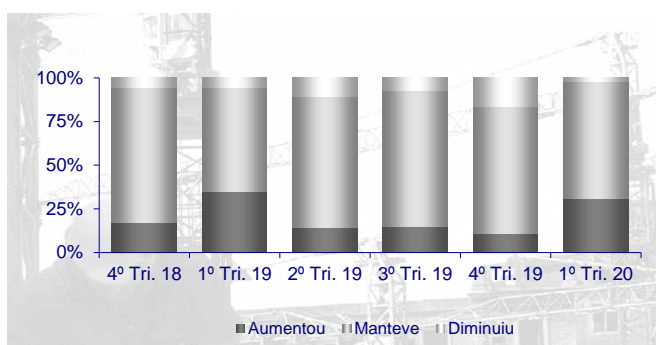
precisamente o contrário, registando-se uma igualdade entre os dois extremos, com um valor de 5,3% das respostas.

### CONDIÇÕES DE CRÉDITO



Ao nível dos prazos de recebimento de clientes, a evolução foi claramente desfavorável, mas com um perfil próximo do observado no período homólogo de 2019. O número das respostas que informaram o aumento dos prazos de recebimento subiu para 31,1%, enquanto a percentagem das respostas que referiu a redução se ficou pelos 2,2%. O subsector retalhista foi o mais afetado, tendo registado uma percentagem de 36,8% de respostas no sentido do aumento dos prazos de recebimento, contra 0 respostas no sentido contrário.

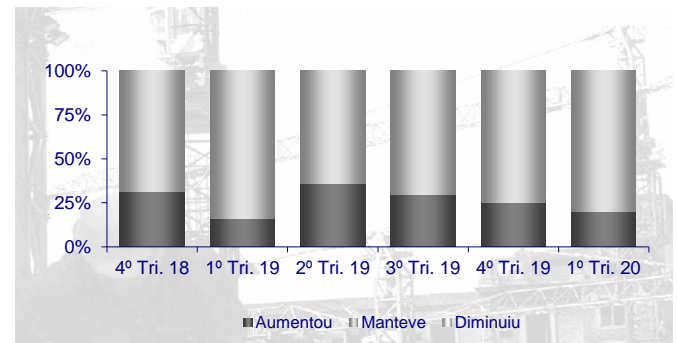
### PRAZOS DE RECEBIMENTO



No que diz respeito à concorrência intrasectorial, contudo, a situação até melhorou, verificando-se uma nova redução na percentagem de respostas que referiu o seu aumento.

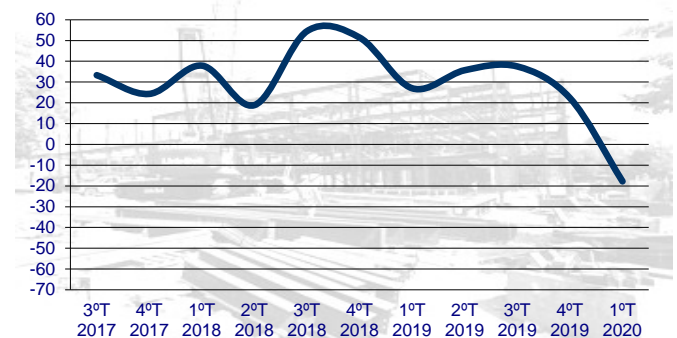
Por incrível que pareça a pandemia poderá ter favorecido as empresas mais expostas à concorrência, nomeadamente das grandes superfícies, favorecendo as compras de proximidade.

### CONCORRÊNCIA



Como referimos, apesar de tudo, a situação permaneceu positiva para a maioria das empresas (62,2%) a considerar que o nível de atividade é *Bom* ou *Satisfatório* (57,7% no segmento armazenista e 68,4% no segmento retalhista). Não obstante, assinala-se que entre as empresas retalhistas inquiridas registou-se uma percentagem significativa de 31,6% de respostas que consideraram a respetiva atividade *Deficiente*, muito superior aos 5,9% observados no trimestre anterior. Já o segmento armazenista, mais afetado pela quebra de encomendas, 42,3% dos inquiridos consideraram a atividade *Deficiente*. Entre as principais causas identificadas, salientam-se, a pandemia (52,9%) e a falta de encomendas (47,1%).

### EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE (SRE - saldo das respostas extremas)



O recurso ao crédito bancário pelas empresas do setor diminuiu face ao observado no trimestre anterior (31,1% das respostas contra 36,1% no 4º trimestre de 2019). A percentagem das empresas que recorreram ao crédito diminuiu entre as armazenistas (30,8%, contra 42,1% no 4º trimestre de 2019), mas aumentou entre as retalhistas que passaram de 29,4% no trimestre anterior, para 31,6% no 1º trimestre de 2020.

Nenhuma das empresas, das que responderam ao inquérito, indicaram ter usado crédito para investimento. A maioria das empresas consideraram *Fácil* o acesso ao crédito, com apenas 2,2% das respostas a afirmarem ter sido *Difícil*.

## Previsão para o 2º Trimestre de 2020

As previsões para o segundo trimestre do ano traduzem, naturalmente, uma perspetiva algo pessimista, face às dificuldades e restrições verificadas, sobretudo em abril e maio, quer em manter os estabelecimentos a funcionar, quer na reposição de stocks ou nas entregas, tendo as empresas que enfrentar múltiplas alterações de planos e prazos de encomendas.

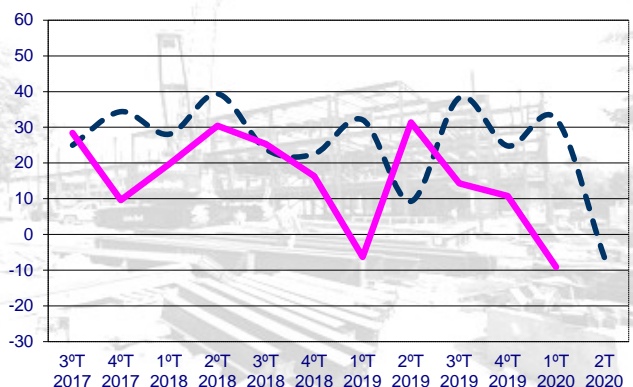
A volatilidade e a incerteza tomaram conta dos negócios e, provavelmente por isso, as expectativas das empresas traduzem esse sentimento de dúvida face ao futuro.

### PERSPETIVAS PARA O 2º TRIMESTRE DE 2020

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Cart. Encomendas	- 11,1	- 28,4	0
Vendas	- 6,4	- 21,6	+ 3,5
Enc. Forneced.	- 10,7	- 27,0	0
Existências	- 14,9	- 24,3	- 8,8

Na verdade, não há qualquer indicador que aponte para um decréscimo da atividade da construção no futuro mais próximo e inclusive, apesar das dificuldades que estão a atingir o setor do turismo e as regiões do país que dele mais dependem, o segmento das pequenas obras de manutenção ou renovação, após um curto período em que as pessoas receavam ter estranhos dentro de portas, disparou mesmo. Talvez por isso, as empresas do subsector retalhista apresentam previsões de vendas ligeiramente positivas.

Vendas Previstas e Vendas Realizadas  
(saldo das respostas extremas)



Entretanto, a construção de novos edifícios continua a avançar sem grandes perturbações, ao mesmo tempo que arrancam no terreno novos empreendimentos mis-

tos, com hotelaria, serviços e habitação, com uma dimensão muito relevante.

Com algum atraso, estão também a arrancar novos projetos de habitação de promoção autárquica, que, como os anteriores, começarão a ter verdadeiro impacto na venda de materiais a partir do início do próximo ano.

Sabemos que há desistências ou, pelo menos suspensão de alguns projetos, mas a procura por crédito á habitação manteve-se quase inalterada e a própria atividade imobiliária, após dois meses de quase inatividade tem vindo a retomar em crescendo, após o período de confinamento.

Como temos afirmado, a menos que sobrevenha uma crise financeira, a situação incerteza em algumas áreas da atividade económica acaba por favorecer o setor imobiliário, que aparece como refúgio mais seguro e rentável, nomeadamente enquanto se mantiver um quadro de taxas de juro negativas.

A paragem forçada do setor da construção durante quase oito anos, criou uma situação de dupla carência de oferta que afetou quer o stock de edifícios, quer a capacidade das empresas de construção, mas permitiu-nos agora, porventura, evitar uma recessão.